

Vânia Claudia Guimarães
Mirelle Amaral de São Bernardo
Leila Coutinho Dias da Silva



CINDERELA,

felizes para sempre?



*Uma nova história de
amor e superação*



Este livro foi inspirado no clássico infantil A Cinderela. O enredo traz a releitura e a extensão da história, mostrando as várias fases da vida da mulher e a construção do eu feminino. São apresentados estereótipos de gênero, situações de subjugação feminina, desigualdade e formas de violência contra a mulher, que às vezes passam despercebidas por quem vive ou presencia tais situações. A obra conta com episódios vivenciados pela personagem Cinderela na construção da sua identidade como mulher, as formas de submissão e as possibilidades de enfrentamento e empoderamento. Não temos pretensões de desconstruir a história original, nem tampouco de colocar drama num conto de aventuras, mas de promover reflexões sobre a influência das histórias infantis na reafirmação do machismo, do sexismo e da desigualdade de gênero ainda tão evidentes em nossa sociedade.



CINDERELA, FELIZES PARA SEMPRE?

CINDERELA, FELIZES PARA SEMPRE?

**Vânia Claudia Guimarães
Mirelle Amaral de São Bernardo
Leila Coutinho Dias da Silva**



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke (www.carolekummecke.com.br)



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G963c Guimarães, Vânia Claudia
 Cinderela, felizes para sempre? [recurso eletrônico] / Vânia Claudia
Guimarães, Mirelle Amaral de São Bernardo e Leila Coutinho Dias da Silva –
Porto Alegre : Fi, 2023.
 54p.

ISBN 978-65-5917-676-2

DOI 10.22350/978655917672

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Literatura – Construção do feminino – Feminismo. I. São Bernardo, Mirelle Amaral de. II. Silva, Leila Coutinho Dias da.

CDU 82-92:396

Catalogação na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro a todas as mulheres que têm sonhos.

Dedicamos este livro a todas as meninas que se deliciaram com os contos de fadas, mas não acreditaram em príncipe encantado e no felizes para sempre.

Dedicamos este livro a todas as Cinderelas que ainda vivem aprisionadas aos relacionamentos abusivos, ao machismo, à submissão.

Dedicamos este livro a todas as mulheres que não tiveram tempo suficiente para mudarem a sua realidade.

Dedicamos este livro a você, que acredita que é possível reescrever a sua história, que em meio ao caos, segue em frente na busca de si mesma e de seus ideais.

As autoras

SOBRE O LIVRO

Este livro foi inspirado no clássico infantil A Cinderela. O enredo traz a releitura e a extensão da história, mostrando as várias fases da vida da mulher e a construção do eu feminino. São apresentados estereótipos de gênero, situações de subjugação feminina, desigualdade e formas de violência contra a mulher, que às vezes passam despercebidas por quem vive ou presencia tais situações. A obra conta com episódios vivenciados pela personagem Cinderela na construção da sua identidade como mulher, as formas de submissão e as possibilidades de enfrentamento e empoderamento.

Não temos pretensões de desconstruir a história original, nem tampouco de colocar drama num conto de aventuras, mas de promover reflexões sobre a influência das histórias infantis na reafirmação do machismo, do sexismo e da desigualdade de gênero ainda tão evidentes em nossa sociedade.

Leia! Inspire-se! Emocione-se com Cinderela!

SUMÁRIO

1	13
INFÂNCIA – MENINAS BRINCAM DE BONECAS	
2	17
JUVENTUDE – CINDERELA: A MAIS BELA DE TODAS?	
3	39
IDADE ADULTA – SERVIÇO DE MULHER É NA COZINHA?	
4	45
VELHICE - ATÉ QUE O ABANDONO NOS SEPARE	
5	53
TRIBUTOS ÀS CINDERELAS	

1

INFÂNCIA – MENINAS BRINCAM DE BONECAS

Era uma vez uma linda moça, chamada Cinderela, que vivia com sua família em uma fazenda no interior de Goiás, em meio a uma natureza deslumbrante, cercada de matas, campos, cachoeiras e muitos animais silvestres. Com Cinderela moravam sua mãe, Alzira, seu irmão, Tobias, e seu pai, Ari.

Cinderela era uma menina como todas de sua época. Usava aqueles vestidos longos, em sua maioria na cor rosa, tranças nos cabelos com laços gigantes, que mais pareciam duas borboletas batendo asas. Ah, os laços de Cinderela pareciam com ela! Radiantes e prontos para voar.

Ela frequentava uma escola, situada num vilarejo próximo. Seu irmão era o seu guia e protetor. Quando ele não podia ir à aula, Cinderela também tinha que ficar em casa sob os cuidados de sua mãe, ajudando nos afazeres domésticos. Quase todas as tardes, Tobias ia para o campinho de futebol jogar com seus amigos. Às vezes Cinderela convencia o pai a deixá-la ir, com alguma desculpa de que iria encontrar as colegas de turma para fazer trabalho da escola. Cinderela era apaixonada por futebol. Vibrava com cada jogada do irmão, e, algumas vezes, ficava atrás da trave só para pegar alguma bola desgovernada. Sim, era a única oportunidade que ela tinha para pegar na bola, pois, afinal, bola e futebol eram coisas de meninos. A bola corria, entrando para a mata, e Cinderela gritava de qualquer lugar do campo:

- Tobias, deixa que eu pego!
- Corre, Cinderela, o tempo está passando!

Tobias era um juvenzinho quase independente. Embora fosse apenas dois anos mais velho que Cinderela, foi criado para ser o herdeiro, que deveria administrar a fazenda do pai em sua ausência. Aprendeu a dirigir com apenas oito anos de idade e aos seus treze já conduzia o carro e tratores por toda região. Ele era um bom partido, numa época em que o destino dos jovens era escolher uma boa e linda moça para se casarem. Os homens escolhiam as suas esposas.

Alzira era a dona do lar. Nunca frequentou uma escola. Casou-se aos dezesseis anos e sua rotina era cuidar da casa, dos filhos, além de dar comida aos porcos, às galinhas e, nas horas vagas, dedicar-se às suas rosas, que embelezavam a frente da casa. Suas saídas de casa se restringiam às idas nas missas dominicais, sempre acompanhada dos filhos e do marido. Foi educada para ser mãe e esposa.

Ari era um típico patriarca. Zelava pelo sustento e pela segurança da família. Apesar de ser um pai carinhoso, era bastante controlador. Todas as saídas dos filhos, em especial de Cinderela, eram controladas por ele. Desde os primeiros anos de vida das crianças, era ele que escolhia os brinquedos, comprados no pequeno armazém do vilarejo vizinho. Em algumas raras ocasiões, Alzira o acompanhava, para escolher as roupas das crianças ou os tecidos que ela mesma costurava em sua máquina, herança da avó paterna. Cinderela era presenteada com bonecas e vasilhinhas, para aprender desde cedo os afazeres destinados às mulheres. Tobias sempre ganhava bola, carrinhos e aquelas miniaturas de vacas e cavalos.

A infância de Cinderela e Tobias foi vivida na fazenda. Os amigos eram alguns primos que iam passar as férias para desfrutarem das cachoeiras, das andanças a cavalo e das brincadeiras de esconde-esconde no final da tarde. Essa era a única hora que as meninas se juntavam aos

meninos, sob o olhar atencioso dos adultos. Quando começaram a frequentar o grupo escolar, fizeram amizades. A passagem pela escola era rápida, em torno de apenas cinco anos. O ensino, para além do grupo escolar, era destinado aos filhos das famílias mais ricas, que podiam morar nas capitais. Cinderela sonhava em ser advogada. Não sabia muito bem o que um advogado fazia, mas seu encanto pela profissão começou quando conheceu um velho amigo de seu pai, Dr. Joel, que advogava na capital. Se encantava com a fala do homem, que explicava detalhadamente e com palavras desconhecidas, os trâmites da herança que Ari lutava para receber. Ela sabia que esse sonho era distante. Não conhecia nenhuma mulher advogada. Aliás, não conhecia nenhuma mulher que tinha ido além do grupo escolar. Mas, quando o Dr. Joel deixava sua casa a caminho dos seus outros compromissos, ela corria para o pai e dizia baixinho em seu ouvido:

- Papai, eu quero ser como o Dr. Joel, quero trabalhar com o que ela trabalha.

Ari a repreendia em alto tom:

- Cinderela, o trabalho do Dr. Joel é para homens. Você deverá se casar e talvez ser uma professora ou enfermeira. Tire essas ideias bobas da sua cabeça!

Cinderela abaixava a cabeça, alternando com movimentos de quem queria claramente contestar o pai. Mas em meio ao autoritarismo do patriarca, ela se calava.

Quando completou seus onze anos, uma tragédia mudou completamente a sua vida. Tobias e dona Alzira foram no vilarejo comprar algumas coisas para complementarem a comida armazenada na cozinha, enquanto o Ari estava procurando uma vaca sumida no pasto. Eram férias e, como de costume, a criançada estava preste a chegar na fazenda

para passar alguns dias. Cinderela ficou em casa, enrolando as bolinhas de doce de banana que a mãe acabara de fazer. Na volta do vilarejo, Tobias perdeu o controle do carro numa curva cheia de cascalho e escorregadia. Assim, acabou capotando o carro, indo parar numa ribanceira. Os dois foram socorridos por alguns tropeiros que passavam pelo local, mas, infelizmente, faleceram ainda no lugar do acidente.

2

JUVENTUDE – CINDERELA: A MAIS BELA DE TODAS?

Seguiram anos difíceis. A perda do irmão e da mãe mudou completamente a rotina de Cinderela. Ela abandonou a escola, pois não tinha mais seu irmão para guiá-la e protegê-la. Os afazeres domésticos recaíram sobre ela, que, além de tanto trabalho e responsabilidade, ainda tinha que cuidar do pai, acometido por uma forte depressão. Sua voz era o consolo de Ari:

- Papai, não fique assim! Eu sei que a mamãe e o Tobias nunca mais estarão aqui, mas eu estou e não vou te abandonar jamais.

Ari chorava e a abraçava, descarregando parte de sua dor naquele corpo ainda tão pequeno e magro.

Um ano depois, uma tia-avó da falecida foi morar na fazenda para dividir as responsabilidades com Cinderela. Era a dona Emília, uma velhinha tagarela e contadora de histórias de assombrações. Ela e Cinderela se entenderam muito bem. Arriscavam, na ausência do pai, a irem tomar banho nas águas geladas do riacho Tamandaré, que passava nos fundos da fazenda. Era muito divertido. Elas se cobriam de areias, faziam panelinhas de argila e na volta, corriam pelos trieiros, arranhando as pernas no capim crescido pelo caminho. Foram dois anos de muita amizade e confidências, até que dona Emília teve que voltar para casa, pois fora acometida por uma tuberculose.

Cinderela se transformara numa juvenzinha linda. A pele morena e os cabelos negros foram herdados de sua mãe. Há quem dizia que na região não havia moça mais bela. Além de sua beleza natural, era uma

moça bem arrumada, vaidosa. Os laços de borboletas foram substituídos pelas tiaras de *strass*. Os vestidos rodados davam a ela um ar de princesa. Quase todas as moças da época queriam ser bonitas. A beleza era um ótimo sinal que não faltaria pretendentes para o tão sonhado casamento. Não que toda moça sonhasse em se casar, mas esse era o destino de quase todas, ao menos que quisessem virar as beatas rezadeiras dos vilarejos. O casamento não era o principal sonho de Cinderela. Apesar de distante, ser advogada ainda era um desejo que pairava sobre os seus pensamentos.

Dois anos após a ida de dona Emília de volta para casa, chegou na fazenda uma prima de terceiro grau de sua mãe, além de duas filhas. O nome da mulher era Catarina e suas filhas se chamavam Rita e Theodora. Catarina era uma senhora de uns 48 anos, viúva do terceiro marido. Carregava no seu semblante a amargura, a antipatia e a arrogância. Suas filhas eram bem arrumadas, porém desprovidas da beleza que os homens da época tanto buscavam. Rita era de poucas palavras. Geralmente só respondia o que a ela perguntavam, isso quando não era interrompida pela falta de educação de Theodora. Elas foram para a fazenda, enviadas por um primo de Ari, na tentativa de que lá permanecem e realizassem um novo casamento para a união da família. Esses arranjos eram comuns na época. Ari acabou aceitando a permanência de Catarina, Rita e Theodora, tendo oficializado o casamento um mês após a chegada das três na fazenda. Três anos se passaram e Cinderela estava prestes a completar seus dezoito anos. A convivência na casa não era muito boa. Os afazeres domésticos mais difíceis recaíam sobre Cinderela. Volta e meia Rita e Theodora simulavam estar com gripe, dores de ouvido e desarranjo intestinal, para evitarem os trabalhos de casa. Isso tudo com o apoio e cobertura de Catarina. As

humilhações eram constantes, especialmente quando Ari partia para alguma viagem. Era comum ouvir os gritos de Catarina pela casa:

- Cinderela, você ainda não estendeu as roupas! O chão da cozinha está sujo! Vamos, menina, acorde para vida!

- Calma, dona Catarina! Ainda estou limpando o chão da sala!

A educação e a beleza de Cinderela incomodavam a madrasta e suas filhas, que traziam em suas aparências a herança genética da tataravó Benedita, olhos esbugalhados e narizes compridos. A disputa por beleza era constante. Invadiam o quarto de Cinderela e pegavam seus vestidos e as tiaras, na tentativa de alguma mudança. Os cabelos eram encaracolados com cera de abelha. Volta e meia elas apareciam com picadas de abelha na testa. Catarina queria casar suas filhas, mas não queria qualquer pretendente. Almejava um filho de fazendeiro, que fosse herdeiro de grandes fazendas de solos férteis e muitas vacas.

No início do verão do ano que Cinderela estava preste a completar seus dezoito anos, Ari foi comunicado por Dr Joel, seu advogado, que a sua herança nas terras paulistanas já estava liberada pela justiça. Muito entusiasmado com a notícia, Ari se manteve disposto a logo partir para São Paulo, para tomar posse de suas novas terras. Quatro dias após a visita do Dr Joel, Ari resolveu fazer as malas e partir. Chamou Cinderela num canto da sala e disse:

- Filha, irei para São Paulo tomar posse das nossas terras! Fique bem e, por favor, não retruque Catarina!

Cinderela fazia aquela cara de descontentamento e argumentava para o pai:

- Papai, Catarina e as meninas vivem me explorando. Você não vê?

- Vejo, minha filha! Mas peço um pouco de paciência para você. Assim que eu chegar de São Paulo, providenciarei o meu divórcio. Não quero mais ficar casado com Catarina.

Os olhinhos de Cinderela brilharam e ela disse bem baixinho, com medo de Catarina ouvir:

- Eba, papai! Voltaremos a ter a nossa vida de sossego. É o que eu mais quero.

No dia seguinte, Ari, como de costume, levantou de madrugada e foi apartar as vacas e tirar o leite. A vaca Jandira estava parida e Ari tinha certeza que ela estava fechada numa baia separada do curral. Porém, quando Ari entrou no curral para fazer o serviço de costume, Jandira saiu da baia, que estava com a porteira aberta, e adentrou para o curral. Foi em direção a Ari, pronta para tomar posse de sua cria. Ari assustou-se e caiu, batendo a cabeça na grade de isolamento do curral. Levou um corte grande na cabeça, caiu desmaiado e só encontrado ao raiar do dia pelo seu vaqueiro ajudante, Sr Abílio. Estava desfalecido e tinha perdido muito sangue. Um médico do vilarejo foi chamado na fazenda, mas o caso era grave e Ari faleceu dois dias após o acidente. Nunca se soube como aquela porteira estava aberta naquele dia.

Mais uma grande perda para Cinderela. Agora ela estava órfã de pai e mãe e, além de tudo, vivendo num lar desunido e infestado de inveja e humilhação. Muitas coisas se passaram pela cabeça de Cinderela. Ela até pensou em se mudar para a capital e correr atrás dos seus sonhos. Mas, como fazer isso? Seu pai deixou uma grande herança, mas todo valor estava convertido em terras e gado, que agora deveriam ser disputados com sua madrasta. Cinderela não tinha cabeça para pensar nisso. Os dias de tristeza e luto se estenderam por vários meses. O vazio deixado pela morte de seu pai era imenso e parecia que nunca chegaria ao fim.

Pouco mais de três meses após a perda do pai, a madrasta obrigou Cinderela a sair da parte principal da casa e se mudar para o quarto dos fundos.

- Cinderela, arrume suas coisas, pois você ficará no quarto do fundo. Eu já contratei um pedreiro para fazer a reforma da casa. Está velha e tem algumas coisas que quero mudar.

- Mas, Catarina, aquele quarto está cheio de coisas velhas. Além disso é muito frio e tem insetos.

- Larga de frescura, menina! Nada que uma boa limpeza e organização não resolva. Temos vários cobertores na casa. Você pode pegar quantos quiser.

- Mas o que você fará com os móveis da casa?

- Serão transferidos para a casa do vaqueiro, até o término da reforma.

O quarto era frio e volta e meia ficava infestado de grilos, deixando as noites de Cinderela mais longas e angustiantes. O tempo foi passando e já se aproximava do mês de setembro e do tradicional festival da primavera, que acontecia anualmente no vilarejo das Pedras. Dessa vez a festa traria como novidade o baile de máscaras. Além disso, especulava-se que o rico Arquimedes, filho mais velho do fazendeiro João Antunes, escolheria uma moça para um possível compromisso de namoro e casamento. A notícia logo se espalhou e junto com ela circulava por toda região o planfletinho com a divulgação da festa e suas atrações. A empolgação das mocinhas da região era evidente. Tudo era novidade e o fato de poder ser escolhida por um lindo e rico fazendeiro era algo inusitado. Começou a correria. Eram tecidos vindo de longe, que abarrotaram os simples ateliês das costureiras da região, acostumadas a ter trabalho em poucas épocas do ano. Cada moça queria estar mais

bela e bem vestida que a outra. Os tecidos variavam de sedas, linhos, cetins, rendados, mas todos tinham em comum as grandes rodas, para imitarem os vestidos das famosas princesas dos clássicos infantis.

Não sendo diferente, Catarina viu no baile de máscaras a grande possibilidade de encaminhar Rita ou Theodora para um casamento promissor. Para isso, elas precisariam estar bem vestidas e com um belo penteado no cabelo. Não poderiam, na ocasião, fazer uso da cera de abelha. Imagina Arquimedes chamar para uma dança e sentir aquele cheiro forte! Com certeza não escolheria uma moça que cheirasse cera de abelha. Catarina, mais que depressa, providenciou a sua ida na capital. Tinha que comprar tecidos, tiaras e gel de cabelo. Não poderia perder essa oportunidade. Levou todas as economias que achara numa caixinha azul, deixada por Ari, na escrivaninha da sala do meio. Era o dinheiro que ele usaria para ir para São Paulo tomar posse de suas novas terras e para fazer o acerto com Dr. Joel.

Ao perceber que a madrasta iria para a capital fazer as compras, Cinderela foi até o seu quarto e pediu, com todo cuidado e bom uso da palavra, que trouxesse para ela três metros de seda estampada com flores azuis. Catarina não se opôs:

- Claro, Cinderela, irei trazer a sua encomenda. Não quer mais nada?

- Sim, pode trazer um sapato dourado de salto médio, por favor!

- Qual a numeração de seu sapato?

- A numeração é 36.

Catarina fingiu anotar as encomendas de Cinderela. No mesmo instante já começou a pensar na desculpa que daria para não comprar o que a jovem lhe pedira. Sempre vinha ao seu pensamento que a beleza

da moça seria uma grande concorrência para as suas filhas. Então, o melhor era Cinderela não ir ao baile.

No dia seguinte, Catarina partiu para a capital e por lá ficou cinco dias gastando as economias do falecido Ari. Comprou os tecidos para os vestidos das filhas e para ela também, já que queria ver de perto o tão esperado dia. Casando uma filha, ela já planejava mandar a outra para um convento. Queria ficar livre para conseguir outro marido, até aguardar a liberação e partilha da herança deixada por Ari. Durante sua estada na capital, usufruiu do luxo de um hotel 5 estrelas e comprou todos os tecidos e adereços em lojas caras e famosas.

Ao regressar para a fazenda, chamou, logo na chegada, Rita, Theodora e Cinderela. Entregou nas mãos de cada uma os tecidos escolhidos e os adereços. Quando chegou a vez de Cinderela, ela entregou um pacote bem pequeno, com no máximo 30 cm de comprimento. Nele estava uma tiara com rosas amassadas e desbotadas. Ao abrir, Cinderela não escondeu a decepção:

- Como assim, Catarina? Não foi isso que te pedi.

Rita e Theodora olharam para ela com um largo sorriso de deboche e Catarina respondeu:

- Querida, Cinderela, eu queria muito trazer o tecido e o sapato que você me encomendou, mas, infelizmente, não encontrei nenhuma seda estampada de rosas azuis e a numeração do sapato dourado era apenas 35 e 37.

Cinderela caiu aos prantos e foi correndo para o quarto. Sua vida estava difícil. Ela estava sempre acometida por tristeza e pela saudade diária da mãe, do irmão e do pai. Queria muito ir ao baile e nem estava interessada no galã que se apresentaria na festa e escolheria sua futura esposa. Seu pensamento e desejo ainda eram de seguir para a capital e

realizar seu sonho. Mas ela queria ir ao baile para reencontrar as amigas que fizera no tempo do grupo escolar. Algumas delas moravam distante e já tinham sinalizado, por cartas, que iriam ao baile.

Os dias foram passando e a esperança de Cinderela de encontrar alguma forma de ir ao baile estava mais distante. Olhou todos os seus vestidos, agora guardados numa caixa de papelão, empilhadas no canto de seu quarto apertado. O guarda roupa ficou no antigo quarto, que há meses esperava pela reforma que nunca acontecera. Todos os vestidos estavam desbotados pelo uso e pelo tempo. Além disso, nenhum deles era apropriado para um baile de máscaras. Em cada vestido que ela pegava, revivia as lembranças guardadas e a saudade de seus amores que tinham partido. Alguns desses vestidos eram da sua infância e já não cobriam o seu corpo crescido e amadurecido pelos seus 18 anos. Cinderela chorou tanto que acabou adormecendo, sem nem mesmo organizar as suas roupas nas caixas e coloca-las no lugar. O sono foi profundo e por muito tempo o seu respirar era confundido com soluços de tanta lágrima derramada.

Cinderela sonhou um sonho lindo. Nele, sua mãe abria uma caixa de madeira, daquelas tipo baú, cheia de lençóis e roupas usadas, que ela guardava para doar no bazar beneficente, realizado anualmente na Capela Santana, que ficava próxima ao vilarejo. No fundo do baú tinha uma sacola, bem embalada. Dentro dela havia um embrulho grande de papel pardo. A sua mãe desembalou e tirou um lindo vestido lilás claro com rosas violeta. Era o vestido que ela tinha usado na sua festa de dezoito anos e guardava para presentear Cinderela, quando a sua silhueta tivesse crescido suficiente para preenchê-lo. No sonho, sua mãe vestia o vestido nela, colocava a tiara de *strass* e pedia que ela desse aquela volta

triumfal de beleza e exuberância. Cinderela acordou depois que sua mãe a abraçou, dizendo que ela estava pronta para ir ao baile.

Ao despertar, ela olhou para seu lado esquerdo da cama e lá estava a caixa baú. Ela sempre esteve ali. Cinderela já tinha aberto a caixa algumas vezes, mas por causa do forte cheiro de naftalina, usada para espantar baratas, nunca conseguiu olhar por completo o que a mãe guardava naquele baú cheio de roupas usadas. Seu sonho parecia tão real que ela resolveu enfrentar o cheiro forte de naftalina e retirar todas as roupas que lá estavam. Era tanta coisa, que ela teve que ir amontando no canto do quarto apertado.

- Meu Deus, que cheiro forte! Estou quase sufocando.

O cheiro de naftalina foi invadindo o quarto e Cinderela correu para abrir a janela. Era preciso ser cuidadosa, pois aquele lugar era possivelmente um dos únicos que a sua madrasta ainda não tinha bisbilhotado. Quando ela tirou a última peça de roupa do lado esquerdo do baú, lá estava a sacola, igualzinha à do sonho.

- Como é possível? – falou para si mesma.

Sua mãe nunca havia lhe falado daquele vestido. Cinderela entendeu que ela havia guardado para uma surpresa futura e, apesar da ausência física da mãe, havia chegado a hora. O vestido estava bem dobrado. Ele era de tule e com alguns detalhes em cetim. Estava meio amarelado pelo tempo, o que não impedia de ser uma bela e clássica peça, digna de um baile. O coração de Cinderela encheu de alegria, pois agora ela poderia ir ao baile. Só tinha um problema: ela não poderia ir com o vestido sem lavar, cheirando a naftalina.

Faltando apenas 3 dias para o baile. Cinderela teve uma ideia: foi discretamente até o riacho do fundo da fazenda, levou um pouco de sabão e lavou o vestido. Ficou lá por algumas horas até deixar o vestido

por algum tempo de molho, para retirar o cheiro forte e as manchas amareladas. Como não podia voltar com o vestido molhado e estender no varal do quintal da casa, ela arriscou deixá-lo secar na cerca de arame farpado, sobre o lençol que usou para enrolá-lo, na intenção de disfarçar a sua ida ao riacho. No final da tarde ela voltou e pegou o vestido. Guardou-o com o maior cuidado, sem que qualquer alma invejosa pudesse encontrá-lo e impedi-la de ir ao baile.

Chegou o grande dia. Como sempre, as tarefas domésticas mais difíceis e pesadas ficaram por conta de Cinderela. Rita e Theodora levantaram logo cedo e encheram os rostos de máscara de argila, que a mãe havia comprado na capital. Elas precisariam do dia todo para se embelezarem e parecerem bem apresentáveis no baile. A máscara de argila era para preparar a pele para receber uma base facial bem grossa, que prometia esconder as cicatrizes do rosto de Theodora, marcado pela intensa acne que a jovem era acometida.

Enquanto Cinderela precisava vencer todas as tarefas atribuídas a ela, Rita, Theodora e Catarina se arrumavam. Catarina havia contratado até uma manicure e cabelereira para ir atendê-las na fazenda. Cinderela observava de longe, cumprindo suas obrigações, pensando o que iria calçar e como iria para o baile, sendo que o vilarejo ficava um pouco distante. O carro deixado por Ari só podia ser dirigido por Catarina, que escondia a chave debaixo de seu colchão, com medo que a qualquer momento Cinderela pudesse pegá-lo e ir embora da fazenda, lutar de perto, por sua herança.

Cinderela lembrou que tinha um sapatinho dourado, presenteado pelo pai, uns três anos antes de sua morte. Ela só não sabia se seus pés ainda caberiam dentro deles, já que dizem que nossos pés crescem até os 15 anos. Mas eles eram a sua única esperança, já que todos os outros

calçados estavam bem gastos e há tempo não ganhava um novo. Catarina, com sua avareza, pensava que um calçado deveria durar uns dois anos, mesmo sendo usado constantemente.

Após terminar de estender as roupas, Cinderela correu para o quarto e foi experimentar o seu sapatinho dourado. Para sua surpresa, ele coube certinho no seu pé. Sinal que os pés de Cinderela não cresceram após os 15 anos. Agora só faltava resolver o problema da locomoção.

- Como vou para o baile? Oh, Deus, preciso de uma luz!

Instantaneamente veio-lhe uma ideia: resolveu ir atrás do Sr. Abílio, o vaqueiro da fazenda. Abílio era habilidoso com os animais e acostumado a percorrer a região em sua carroça, principalmente quando precisava ir ao vilarejo comprar alguma coisa, cumprindo ordens de Catarina. Cinderela temia que Abílio não aceitasse, pois teria que fazer escondido e isso poderia lhe custar o seu emprego. Mas de qualquer forma ela tinha um plano. O Sr. Abílio poderia ir disfarçado. Já que o baile era de máscaras, ele também poderia ir mascarado. Cinderela foi falar com ele.

- Sr, Abílio, preciso de grande favor seu.

- Diga, menina! Em que posso te ajudar?

- Por favor, me leve no baile de máscaras, lá no vilarejo. Eu vou escondida de Catarina.

- Minha nossa, Cinderela! Não posso fazer uma coisa dessa. Tenho medo do autoritarismo de Catarina. Se ela descobrir, irá me mandar embora da fazenda. E você bem sabe que tenho três filhos para criar.

Cinderela insistiu:

- Sr, Abílio, ninguém irá descobrir. O senhor poderá usar o sobretudo preto do meu pai e eu farei uma máscara para você.

- Mas que horas terminará esse baile?

- Provavelmente irá até de madrugada.

- Olha, minha menina, eu levarei você, mas tenho uma condição.

- Sim, senhor, pode dizer!

- Só poderei ficar te esperando até meia noite, pois preciso chegar aqui antes de Catarina e, além disso, você sabe que eu começo a trabalhar antes do raiar do dia.

- Eu aceito! Obrigada, Sr. Abílio! Obrigada!

Mesmo com o pouco tempo que passaria na festa, Cinderela sabia que poderia matar a saudade de Nicolli e Marina, suas amigas de infância, que há anos só mantinham contato por cartas.

O dia passou mais rápido que todos. Parecia que o sol estava apressado para dar lugar à claridade e exuberância da lua cheia. Catarina, Rita e Theodora já estavam prontas. O perfume francês comprado na capital exalava a metros e metros de distância. Era possível senti-lo nos quatro cantos da fazenda. Cinderela lavou e cacheou os cabelos. Fez tudo de forma muito discreta para não despertar a desconfiança da madrasta e suas filhas. O quarto, distante da parte central da casa, dava à ela a privacidade que precisava. Embora fosse pequeno e cheio de coisas velhas, era lá que ela podia ter o seu momento de reflexão e sonhos, longe dos olhares curiosos e julgadores.

A noite chegou e junto com ela a esperança de reencontrar as amigas e dar aquele abraço apertado que há tempo não fazia. Cinderela já estava com tudo arrumado, só esperando Catarina e suas filhas pegarem a estrada rumo ao vilarejo. Enquanto isso, se dedicava a dar aquela ajeitada nas unhas, roídas pelos momentos de ansiedade e gastas pelo excessivo trabalho doméstico que realizava na fazenda. Por volta das 20 horas escutou o ronco do motor do carro. Deu uma espiada pela janela e viu Rita e Theodora ajeitando os longos vestidos para entrarem no

carro. Pareciam discutir para decidir quem iria na frente. As duas estavam constantemente disputando alguma coisa. E dessa vez, mais do nunca, cada uma queria estar mais bela e apresentável que a outra. Catarina deu os seus berros, coibindo o empurra-empurra das moças.

- Calem-se! Entrem logo no carro e vamos para o baile! Se continuarem brigando, ficarão as duas aqui. Eu irei sozinha!

Assim que as luzes das lanternas do carro sumiram na escuridão, Cinderela começou a se vestir. Ela tinha que ser rápida, pois o baile estava previsto para começar às 21 horas e ela não queria chegar atrasada, para evitar ser notada e chamar a atenção dos que lá estavam. Além do mais, o seu vestido não era tão exuberante como das filhas de sua madrasta. Fez uma leve maquiagem, prendeu parte dos cabelos, deixando seus lindos cachos caídos ao lado do rosto. Ela estava linda! Era um conjunto de beleza, somado à sua felicidade de poder sair de casa e reencontrar suas amigas. Mais que depressa foi à casa do Sr. Abílio.

- Sr. Abílio, Sr. Abílio, já estou pronta!

Ele já a aguardava, vestindo o sobretudo preto. Cinderela sorriu da elegância e de como o Sr. Abílio estava diferente com a máscara confeccionada por ela mesma. O disfarce estava perfeito. Se não soubesse de tudo, nem mesmo Cinderela iria conseguir reconhecê-lo. Em pouco mais de meia hora, lá estavam eles seguindo estrada afora.

Cinderela se protegia, coberta por um lençol verde, para que caso algum carro passasse por eles, não ficasse coberta de poeira, deixada pela terra solta que cobria a estrada. Eles foram contando casos e relembrando os bons momentos vividos com dona Alzira, Tobias e Ari. Volta e meia Cinderela se engasgava com o choro preso na garganta. Às vezes sorria, com a forma engraçada que o Sr. Abílio contava as histórias. A viagem foi rápida e cheia de boas lembranças.

O vilarejo estava movimentado. Era carro para todo lado, buscando um estacionamento próximo ao salão do baile, para que as moças não precisassem sujar ou estragar seus sapatinhos nas pedras soltas da rua que dava acesso ao salão. Cinderela só observava a beleza de tantas moças e rapazes, disfarçada atrás das máscaras coloridas. Parecia um desfile de moda. Os vestidos eram longos e com muito brilho. Os rapazes vestiam camisas de mangas longas e alguns estavam de ternos. Estava tudo muito lindo, mas, dali em diante ela tinha que seguir a pé. Despediu-se de Abílio, confirmando o compromisso:

- Sem falta, Sr. Abílio, estarei aqui até meia noite.

- Bom baile para você, Cinderela! – desejou Abílio.

Ela agradeceu com o olhar e foi caminhando, observando todos os lados, na esperança de logo encontrar suas velhas amigas.

- Será que elas estarão diferentes? Como vou reconhecê-las? – disse para si mesma.

Na última carta trocada, cada qual, exceto Cinderela que ainda não tinha definido sua veste, disse a cor do vestido que iriam ao baile. Além disso, sempre descreviam suas aparências, levando à imaginação do que encontrariam nesse dia tão especial.

Cinderela entrou no salão de cabeça erguida. As luzes refletiram nos fios dourados bordados em seu vestido. Muitos olhares se voltaram em sua direção. Quem estaria por trás de tanta elegância e beleza? Ela atravessou o espaço e seguiu para o jardim, que estava no final do salão. Lá o som chegava com menor intensidade e as pessoas se juntavam em rodas para conversar. Ela avistou uma moça de vestido rosa salmão e a outra que a acompanhava, com um vestido na cor marsala. Tudo indicava que seriam Mariana e Nicolli, pois todos os traços descritos nas cartas, como cor e tamanho dos cabelos, também faziam-na crer que

aquelas eram as suas amigas de infância. Cinderela se aproximou das moças e arriscou chamar:

- Mariana!

Ela sabia que se fosse engano, poderia disfarçar e seguir em outra direção. Ao chamar, a moça virou-se e exaltada disse:

- Cinderela, é você?

Elas se abraçaram por um longo tempo. Em seguida foram para um cantinho do jardim, onde puderam tirar as máscaras e se verem como há tempo não faziam. Era muita saudade e recordações. Ficaram tão empolgadas que nem viram que já tinha se passado uma hora de conversa, risos e muita alegria. Colocaram, novamente, as máscaras e seguiram para o centro do salão, onde uma voz grave no microfone chamava todos os convidados para cantarem os parabéns para Arquimedes, filho mais velho do fazendeiro João Antunes.

- Queridos convidados, vamos agora cantar um lindo parabéns para o Arquimedes!

Na verdade, o baile de máscaras tinha sido patrocinado por eles. Não era uma festa de aniversário, mas era a oportunidade de apresentar o filho para todos da região. Arquimedes era um homem que representava o padrão de beleza de sua época. Era moreno, alto, forte e usava uma barba cerrada. Ele fez questão de aparecer sem máscaras. Após os parabéns, só se ouvia os suspiros e cochichos das moças no salão, encantadas com a beleza de Arquimedes.

- Uau, que homem!

- Nossa! É muita beleza!

Também se ouviam os resmungos dos rapazes, num ar de contestação do único que apareceu na festa de máscaras, sem máscara.

- Por que só o bonitão está sem máscaras?

- Claro que é para aparecer,

O som voltou a ser tocado e Arquimedes circulava no salão, acompanhado de dois amigos. Eles chamavam as moças para dançarem e, além de desfilarem beleza, mostravam o gingado de quem já havia frequentado aulas de dança. O salão estava cheio e Cinderela avistou Catarina, Rita e Theodora no canto esquerdo da entrada. Rita estava sentada e pelo visto o salto de sua sandália de *strass* havia quebrado. A mãe parecia irritada com a situação, que nem a máscara era capaz de esconder. A hora de Cinderela voltar para casa estava quase chegando. Faltava pouco mais de meia hora e ela queria aproveitar cada minuto ao lado de Mariana e Nicolli. Fizeram planos de se encontrarem na capital. Mariana tinha ingressado na faculdade de enfermagem e Nicolli estava se preparando para ser professora. Cinderela falou do seu sonho de ser advogada e as amigas ficaram surpresas, pois não conheciam nenhuma mulher que tinha se aventurado a seguir essa profissão.

Faltando um pouco menos de quinze minutos para o fim da festa para Cinderela, Arquimedes e seus amigos chegaram perto delas e as chamaram para dançar. Cinderela disse:

- Minha nossa, eu não sei dançar, mas vou arriscar uma música.

Eles dançaram, se olharam nos olhos e sorriram. Cinderela nunca tinha visto um homem tão bonito, bem arrumado e cheiroso. Arquimedes ficou encantado com a beleza e a educação de Cinderela. Queria ao menos ver seu rosto para contemplar a sua face inteira. Ele pediu:

- Por favor, tire sua máscara por alguns segundos. Quero ver o seu rosto inteiro!

- Não posso, Arquimedes!

Ele ficou sem entender a resposta de Cinderela, que na verdade tinha medo de ser reconhecida por alguém. A dança continuou e os dois

nem viram que já tinha acabado a primeira música. Ele contou um pouco a ela sobre sua vida na capital e seu desejo de voltar a morar na fazenda, após se casar. Cinderela ouvia atentamente, envolvida e com um olhar sorridente. Ela estava encantada por ele!

Quando olhou, disfarçadamente, no seu relógio de pulso, uma herança de sua falecida mãe, viu que já estava na sua hora. Pouco ela falou de si para Arquimedes. Ela soltou seus braços e foi despedir-se de Mariana e Nicolli. A vontade era de chorar, pois não queria ir embora. Na verdade, ela não queria voltar para aquela casa de tristeza e opressão. Mas não tinha outro jeito. Arquimedes foi atrás dela, dizendo:

- Espere, por favor! Eu posso te levar para casa!

Cinderela não parou e ofegante respondeu:

- Obrigada, mas eu já tenho alguém para me levar! Obrigada.

Seu sapato se engastalhou em uma pedra e ela abaixou-se para retirá-lo. Nesse instante sua máscara caiu e Arquimedes pôde, mesmo que por um breve instante, contemplar a sua beleza. Estava meio escuro, mas isso não o impediu de gravar aquele lindo rosto em sua memória. Ele queria segui-la, porém um de seus amigos veio correndo atrás dele gritando:

- Arquimedes! Arquimedes, seu pai está te chamando!

Cinderela seguiu para casa. Com ela, seguia uma mistura de sentimentos. Estava feliz por ter reencontrado as amigas e triste porque não tinha previsão para um novo encontro. Suas amigas tomaram rumos diferentes na vida e ela estava fadada a viver naquela fazenda repleta de boas recordações, mas também de tristeza e solidão. Arquimedes estava em seus pensamentos. O coração batia mais forte quando ela lembrava do seu rosto, das suas mãos entrelaçadas às dela naquela dança tão síncrona. Nem parecia que Cinderela nunca tinha frequentado outros

salões. Foi tudo tão perfeito. Ela estava encantada por Arquimedes e pouco respondeu às perguntas do Sr. Abílio na volta para casa. Seu pensamento estava distante dali.

Chegaram na fazenda e foram rapidamente para os seus quartos. Não podiam deixar nenhum sinal para que Catarina não percebesse que Cinderela, com a ajuda de Abílio, havia ido ao baile. Ela tirou seu vestido e o guardou novamente no fundo do baú. Por diversas vezes hesitou em guardá-lo, pois na manga do ombro esquerdo havia o cheiro do perfume de Arquimedes. Mas era arriscado demais deixá-lo fora do baú, pois Catarina, com a sua audácia, poderia a qualquer momento entrar no quarto e vê-lo. Cinderela apagou as luzes, deitou em sua fria cama e adormeceu com o pensamento em Arquimedes. Seus sonhos durante a noite toda foram com ele. Acordou feliz, com o rosto brilhando como quem está apaixonada.

Enquanto isso, Arquimedes ainda repousava no seu espaçoso quarto na fazenda de seu pai. Havia bebido a noite toda, mas nada foi suficiente para fazê-lo esquecer o lindo rosto, a meiguice e a educação de Cinderela. Nenhuma moça naquele baile chamou mais a sua atenção. Ele sabia o tempo todo que ela tinha algo de diferente de todas as outras com quem ele dançou. Acordou com uma baita dor de cabeça, mas o tempo todo seu pensamento estava naquela linda moça, que, acidentalmente, deixou a máscara cair. A cada minuto que se passava, ele tinha a certeza que queria reencontrá-la e faria de tudo para isso, mesmo que tivesse que passar a primavera inteira ali na região.

Os dias foram seguindo e a rotina na fazenda continuava a mesma, Cinderela responsável por quase todos os afazeres da casa, enquanto Catarina e suas filhas traçavam planos de casamento com homens ricos. Catarina estava frequentando, semanalmente, um chá da tarde, que

acontecia no vilarejo. Lá as mulheres dos fazendeiros mais ricos da região se reuniam para rodas de conversas e planejamento de ações de caridade. Era uma forma de Catarina ter contato com as famílias ricas e, quem sabe, arrumar um casamento interessante para suas filhas.

Arquimedes não tinha voltado para a capital. Nas duas semanas seguintes ele já havia percorrido boa parte das fazendas vizinhas, na esperança de reencontrar Cinderela. A moça não saía de sua cabeça. Ele pediu à sua irmã uma tiara de pérolas e a usava como desculpa para se apresentar nas fazendas por onde chegava. Quando chegava, usava a mesma história:

- Uma moça perdeu essa linda tiara no baile e como é uma peça valiosa, estou atrás para entregá-la à sua dona.

Nessas duas semanas ele foi apresentado para belas moças, mas nenhuma foi capaz de fazê-lo mudar de ideia. Era Cinderela que ele queria. Esse fascínio chegava a ser assustador. Como alguém podia querer tanto uma pessoa que pouco conhecia?

Já se passava um mês do grandioso baile e o pai de Arquimedes já tinha dado o ultimato de sua volta para a capital. Ele não tinha nenhuma pista que pudesse levá-lo à Cinderela e já havia visitado quase todas as fazendas vizinhas. Ainda faltavam cinco, mas todas eram mais distantes e ficavam após a ponte principal. Arquimedes disse ao pai:

- Só voltarei para Goiânia quando passar por todas as fazendas da região.

O pai ficava sem entender o porquê de tanto empenho em encontrar a tal moça. Arquimedes partiu logo pela manhã na última segunda-feira do mês de outubro. Passou pela primeira fazenda e nada. Lá só morava um casal de idosos: Abel e Maria. Foram eles que indicaram que na

fazenda seguinte moravam três moças e, quem sabe, uma delas seria a dona da tiara.

Arquimedes seguiu para a próxima fazenda e logo na porteira principal foi recebido por Abílio, que indicou a entrada da casa sede, informando que lá viviam Catarina, suas filhas e a enteada. Ao se aproximar da casa, Rita o avistou pela janela. Fez aquele maior escândalo e foi correndo:

- Gente, o bonitão aniversariante está aqui na fazenda!

Junto com Theodora, Rita foi para o quarto encher o rosto de base, pentear os cabelos para receber Arquimedes. Catarina, que estava sempre arrumada, recebeu o jovem na sala. Ela não conseguia esconder a sua satisfação em receber Arquimedes na fazenda. Ele explicou:

- Estou aqui para devolver essa tiara que foi perdida no salão do baile, no dia do meu aniversário.

Sem hesitar, Catarina foi logo respondendo:

- Sim, essa tiara é da minha filha. Eu comprei para ela usar no baile e a pobrezinha acabou perdendo-a. Está tão triste e chorando há dias.

Arquimedes, então, percebeu que Catarina não era uma mulher de confiança, pois logo de início já estava mentindo. As moças vieram todas embelezadas do quarto. Rita nem conseguia andar direito em cima de seu sapato de salto. Theodora estava com o rosto todo manchando de base. Ele percebeu que não era nenhuma delas.

Enquanto isso, Abílio foi correndo avisar Cinderela que Arquimedes, o moço bonitão do baile, estava na fazenda. Cinderela estava com as roupas molhadas, pois segunda-feira era o dia que ela lavava todas as roupas sujas da casa. Mas, ainda assim, soltou seus cabelos cacheados e foi até a sala ver Arquimedes. O coração parecia que estava prestes a saltar pela boca. Ela conteve o nervosismo e entrou na sala. Arquimedes

voltou o seu olhar e ali percebeu que seus dias de procura e angústia tinham chegado ao fim. Ele apontou para Cinderela e disse:

- Ela é a dona da tiara!

Todas ficaram sem entender, inclusive Cinderela. Catarina tentou interrompê-lo por diversas vezes, dizendo:

- Deve ser engano! Ela não foi no baile!

Mas Arquimedes não dava ouvidos à ela. Parecia que somente ele e Cinderela estavam naquela sala. Foi um momento mágico! Arquimedes entregou a tiara à Cinderela e disse que, na verdade, aquela joia era o símbolo de um pedido de casamento. Sim, foi ali mesmo, naquele momento, que ele pediu a Cinderela que aceitasse ser a sua esposa.

- Case-se comigo, moça linda!

Ela aceitou! Foi pega de surpresa, mas, em um mês, a maior parte de seus pensamentos foram de Arquimedes. Não tinha motivos de recusar esse pedido, pois estava completamente apaixonada por ele. Saíram da sala com a data do casamento marcado para o próximo mês, tempo necessário para a organização dos trâmites religiosos e legais.

Os dias seguintes foram de uma relativa paz na fazenda. Embora com muita inveja e raiva de Cinderela ter ido ao baile escondido e agora ser a escolhida por Arquimedes, Catarina via o casamento de Cinderela como uma forma de se livrar da moça e ficar com toda a herança deixada por Ari. Dessa forma, ela e as filhas até se ofereceram para ajudar nos preparativos do casamento. A mãe de Arquimedes, dona Elvira, ficou responsável pelo vestido da noiva e pelo o enxoval. Foi ela que acompanhou Cinderela até Goiânia, para escolher as peças mais lindas. A cada passo, a moça não escondia o seu deslumbramento pela capital. Seus pensamentos dividiam-se com os preparativos para o casamento e o olhar atento para cada espaço que visitava, pois ela não deixava de ver

aquela cidade como o único lugar onde poderia realizar o seu grande sonho.

O mês passou voando e chegara o grande dia. Cinderela escolheu o Sr. Abílio para acompanhá-la até o altar. As pessoas cochichavam, julgando tal atitude:

- Como pode, a moça escolher o vaqueiro para entrar com ela na igreja?

- Um absurdo – dizia outra.

Abílio representava muito bem os seus falecidos pais e seu irmão e isso ela não precisava explicar para ninguém. O casamento aconteceu na igreja do vilarejo e reuniu boa parte da comunidade local. Mariana e Nicolli aplaudiam com seus sorrisos o grande dia de Cinderela, que estava radiante no seu vestido branco, bordado com pérolas e com uma cauda que pegava quase todo o comprimento da pequena capela. Ela estava linda e visivelmente feliz. Arquimedes não conseguia esconder o nervosismo atrás daquela barba tão bem feita e de seu sorriso largo e branco. Ele também estava lindo! O casamento foi seguido de uma grande festa na fazenda dos pais do noivo, com muita comida, bebida e música boa. A festa terminou de madrugada, quando os noivos partiram para a capital. Lá estava tudo preparado para recebê-los, pois iriam morar numa casa antiga, num bairro nobre, que foi herdada pelo pai de Arquimedes.

3

IDADE ADULTA – SERVIÇO DE MULHER É NA COZINHA?

Dois meses se passaram e Cinderela estava amando a vida na capital. Era diferente de tudo que já tinha vivido. Gostava de passear nos finais da tarde e conversar com os poucos vizinhos que ficavam, por vezes, nas portas de suas casas. Arquimedes trabalhava em um escritório, onde administrava as fazendas e a produção de gado do pai. Ele era administrador por formação e, desde que se mudou para a capital para estudar, nunca mais quis morar na fazenda, pois estava acostumado com a rotina da cidade grande.

Cinderela fazia planos de estudar, já que seu desejo era concluir o ensino médio e tentar entrar na faculdade de direito. Ela ainda não tinha partilhado com Arquimedes o seu grande sonho porque tinha medo de ser julgada, pois, até então, essa profissão era praticamente só exercida por homens. Cinderela passava o dia cuidando dos afazeres domésticos, fazendo bolos e esperando o marido chegar em casa. Com quatro meses de casados ela descobriu que estava grávida do primeiro filho. Arquimedes ficou radiante de felicidade e quis logo fazer uma visita para os seus pais, a fim de dar a notícia. Mas a viagem teve que ser adiada, pois Cinderela passou muitos dias sentindo enjoos. Os nove meses se passaram e nasceu Samuel, um robusto menino de bochechas rosadas. Cinderela agora tinha que dividir os afazeres domésticos com os cuidados do filho. Ela até cogitou com Arquimedes:

- Temos que contratar uma ajudante, pois estou ficando muito cansada. Tenho que correr o dia inteiro para cuidar do Samuel e da casa.

- Aqui na capital é diferente, Cinderela! Não é como no interior que conhecemos as pessoas. Não vou colocar uma estranha aqui em casa. No mais, a única coisa que você faz é cuidar da casa e do Samuel.

Na verdade, Arquimedes sempre achou que os afazeres de mulher em casa não era trabalho. Trazia consigo essa concepção, pois apesar de ricos, sua mãe nunca teve empregada doméstica.

Quando Samuel já estava com dois anos, numa tarde de domingo, aproveitando a calma do dia e o bom humor de Arquimedes, Cinderela resolveu falar com ele sobre o seu sonho:

- Arquimedes, há tempo quero lhe dizer algo, mas estava esperando boa hora. Eu tenho um sonho de ser advogada, por isso quero terminar os meus estudos na escola e seguir para a faculdade.

Interrompendo Cinderela, Arquimedes foi logo argumentando:

- Isso não é coisa para mulher! Você não precisa ter nenhuma profissão, não precisa estudar, pois somos ricos.

Ela tentou insistir e ele continuou:

- Você deve pensar mais no Samuel e cumprir o seu papel de mãe e esposa.

Cinderela ficou triste e percebeu que não seria fácil fazê-lo mudar de ideia. Arquimedes era um homem controlador e tinha muito ciúmes de Cinderela. Naquela noite, ela não dormiu direito, relembrando sua infância, as privações que teve durante toda a sua vida.

Três meses depois daquela tensa conversa, Cinderela descobriu que estava grávida do segundo filho. Mesmo feliz, sentiu medo da responsabilidade que mais uma vez recairia sobre ela, pois Arquimedes não se importava muito com os cuidados com o filho. Quando chegava do

trabalho estava quase sempre irritado e pouco disposto a dar atenção e carinho para Samuel e Cinderela. Seis meses depois nasceu Clara, uma menina miúda, de pouco peso, que nasceu prematura. Arquimedes e toda a família ficou muito feliz porque agora eles tinham uma casal de filhos.

Cinderela dividia seu tempo com os cuidados da casa e dos filhos. Pouco lhe sobrava para cuidar de si mesma e, assim, já não era aquela mulher vaidosa, que gostava de encaracolar os cabelos, pois estava quase sempre cansada. Mesmo vendo a correria de Cinderela, Arquimedes se recusava a contratar uma ajudante e, além disso, não lavava nem o prato que comia. Ele era machista e achava que por se responsabilizar pelo sustento da casa, não precisava contribuir nos afazeres domésticos e cuidados com os filhos.

Quando Clara completou três anos e Samuel já estava com cinco, Cinderela resolveu falar com Arquimedes sobre o estudo. Ela estava decidida que concluiria o seu ensino médio.

- Olha, Arquimedes, queira você ou não, eu farei o ensino médio. Farei por meio de ensino à distância, pois conciliarei meus trabalhos aqui de casa, o cuidado com os meninos e o estudo. Não tenho muito tempo livre, mas vou me virar.

Arquimedes ficou surpreso com o tom de afirmação de Cinderela e mesmo com a cara ranzinza, concordou, gesticulando com a cabeça.

Cinderela começou a estudar. Recebia grossas apostilas em casa, lia, relia, resolvia exercícios e depois enviava suas provas para o Centro de Ensino Ateneu, que era uma escola de ensino fundamental e médio que ofertava seus cursos no formato à distância. Ela era muito dedicada e inteligente. Às vezes varava a noite estudando, principalmente quando as crianças adoeciam e ela não tinha tempo durante o dia. Em dois anos

conseguiu terminar o ensino fundamental e médio e já estava pronta para tentar entrar na faculdade de Direito, mas Arquimedes não concordava. Toda vez que ela tocava no assunto, ele ficava irritado. O seu casamento não era o mesmo. Arquimedes estava cada vez mais distante, só pensava nos negócios da família e quando estava em casa, ficava de frente a televisão ou no telefone, repassando ao pai os problemas da empresa. Cinderela não era mais aquela mulher radiante, alegre. Parecia uma chama que vai ficando fraquinha e que a qualquer momento irá se apagar.

As crianças cresceram e passaram a frequentar à escola. Cinderela agora tinha mais tempo livre. E foi justamente por esse tempo livre que ela resolveu, sem o conhecimento de Arquimedes, frequentar um grupo de mulheres que se reuniam na associação do bairro. Era um grupo que se juntava todas as quartas-feiras para debater e compartilhar assuntos variados, de interesse das mulheres. Cinderela mal esperava chegar quarta-feira para deixar as crianças na escola e seguir para a associação. Ela sabia que se Arquimedes ficasse sabendo, com certeza, teria ciúmes e colocaria suas imposições para ela não participar. Na verdade Cinderela tinha pouco contato com pessoas de fora de sua família. Às vezes recebia a visita de Mariana e Nicolli, e quando contava para Arquimedes, ele não escondia a sua insatisfação.

- Mulher casada não deve ter amigas solteiras. Além disso, essas tais Mariana e Nicolli são mulheres que frequentam festas e não querem se casar.

Cinderela sorria para não deixar o clima mais pesado.

O tempo foi passando e definitivamente a vida de Cinderela não era um conto de fadas. Seu casamento estava marcado pela indiferença e distância cada vez maior de Arquimedes. Os filhos cresceram, já

estavam na juventude, prontos para alçar voos e Cinderela estava presa num lar machista, autoritário e controlador. Ela agora já não era mais uma jovencinha cheia de energia, pois a idade tinha chegado e junto com ela apareceram as rugas, a pele flácida, as dores nas costas. Os afazeres domésticos deixaram de ser tarefas tão simples. Arquimedes envelheceu carrancudo, de pouca conversa e cada vez mais frio. Às vezes chegava em casa tarde e, quando Cinderela arriscava perguntar, ele dizia que estava trabalhando. Ela tinha suas dúvidas, pois pensava que o marido tinha uma amante. Olhava para o tempo e sentia saudades daquele homem apaixonado com quem ela tinha se casado.

Quando completou 25 anos, já formado em engenharia, Samuel foi morar em Londres. Ele era um lindo rapaz e lembrava bastante Arquimedes em sua juventude. Samuel partiu com o coração apertado em deixar sua mãe, pois ele via a infelicidade na qual ela estava presa. Às vezes pensava por que uma mulher tão bonita, tão inteligente como a mãe podia ficar num relacionamento tão vazio, tão frio como aquele. Samuel não mais voltou para o Brasil. De vez em quando vinha passear e outras vezes, contrariando o marido, sua mãe o visitava. Para que Arquimedes ficasse menos irritado, Clara sempre acompanhava Cinderela nas viagens.

Clara era uma moça meiga. Formou-se em odontologia, depois de muita discussão entre os pais, já que Arquimedes não considerava essa uma profissão muito adequada. Ela amava incluir na sua rotina o trabalho voluntário e social e, assim, por anos seguidos participou de missões na África. Trocava viagens de férias a lugares incríveis para ir servir em missão. Cinderela dizia que a filha havia herdado a personalidade de dona Alzira, sua falecida mãe. Cinderela tinha muito orgulho da moça educada e humana que Clara tinha se tornado. Quando completou seus

29 anos, ela resolveu ter o próprio apartamento para morar sozinha. Na verdade ela queria que a mãe fosse com ela, mas compreendeu quando Cinderela disse que não poderia deixar Arquimedes sozinho. Clara sabia que a mãe não era feliz no casamento, mas, por respeito, nunca ousou lhe dar conselhos ou se envolver em suas escolhas.

4

VELHICE - ATÉ QUE O ABANDONO NOS SEPARE

Agora, já com seus 59 anos, Cinderela estava sozinha com Arquimedes naquela casa imensa e fria. Os afazeres domésticos ainda eram a sua principal ocupação, apesar das fortes dores nos joelhos e na coluna. Ela ainda frequentava o grupo de mulheres na associação. Lá estavam velhas e novas integrantes, partilhando suas vivências, experiências e insatisfações. No grupo haviam professoras, advogadas, engenheiras, enfermeiras e muitas, muitas donas de casa. Cinderela tinha convicção que sua vida poderia ter sido diferente, se ela tivesse se encorajado na hora certa, pois agora sentia-se velha para qualquer mudança em sua vida, incluindo no seu casamento. Seus sonhos tinham ficado no passado. O que a deixava mais tranquila era ver o quão bons filhos ela tinha educado. Era o que ela sempre compartilhava, com orgulho, nas reuniões de quarta-feira. Enchia a boca de amor para falar dos filhos e partilhar o seu esforço diário para educá-los tão bem. Sua fala encorajava outras mães a não desistirem de seus filhos, incluindo àquelas que tinham jovens com muitos problemas.

Dois anos após a saída de Clara de casa, numa das quartas-feiras, a associação recebeu a doutora Patrícia, uma importante ginecologista da capital. O objetivo era falar do câncer de mama, instruir e encorajar as mulheres da associação a se cuidarem. Foi nessa visita e durante a demonstração do autoexame, que Cinderela percebeu que estava com um nódulo do seio esquerdo. Ela saiu da reunião preocupada e sem falar com ninguém. Lembrou que já faziam dois anos que não ia na consulta

de rotina ginecológica. Chegando em casa, ligou para Clara, mas a filha não atendeu, pois estava em atendimento no consultório. Cinderela marcou uma consulta para o dia seguinte e resolveu não falar nada com Clara porque sabia que a filha ficaria muito preocupada e, afinal, não haveria de ser nada grave.

Foi para a consulta e lá mesmo na clínica passou por todos os exames. As imagens traziam preocupação, mas o resultado final só sairia após sete dias. Foram dias de silêncio e oração. Não disse nada para Clara, nem mesmo para Arquimedes, com quem pouco conversava. Os sete dias se passaram e no dia marcado estava Cinderela na clínica, sem nenhum minuto de atraso. O resultado era mesmo o que a médica previu, um câncer de mama em estágio médio. Cinderela tinha muita chance de ser curada, mas mesmo com todo encorajamento da médica, ela saiu do consultório arrasada e chorando. Naquele dia não quis voltar imediatamente para casa e resolveu passar a tarde num lindo parque que estava no caminho. Lá ela pensou, chorou e pediu a Deus a cura.

Quando chegou em casa, ainda de olhos inchados, deu de cara com Arquimedes. Sem nem mesmo perguntar o que tinha acontecido, ele foi logo querendo saber onde Cinderela estava até aquela hora. Apesar do tempo e de sua frieza, ele ainda tinha muito ciúmes de sua esposa. Cinderela segurou-o pelo braço, puxou o seu rosto para que olhasse no fundo de seus olhos e disse:

- Eu estou com câncer de mama.

Depois disso, caiu no choro e foi para o quarto. Arquimedes ficou ali na sala, parado, sem dizer nenhuma palavra. Cinderela adormeceu soluçando, como fazia na sua juventude. No dia seguinte, Arquimedes saiu logo cedo para trabalhar, parecia estar evitando encontrar

Cinderela. Ela acordou com muita dor de cabeça, tomou seu café e criou coragem para ligar para Clara. Na ligação, pediu:

- Filha, por favor, venha aqui em casa, pois tenho um assunto muito importante para falar com você.

- Claro, mãe! Estou com agenda cheia, mas pedirei para minha secretária remarcar meus pacientes.

Cinderela estava com a voz engasgada e Clara percebeu. Desmarcou o próximo paciente e foi às pressas para a casa da mãe. Lá chegando, Cinderela ainda com a mesa posta do café, preparou uma tapioca de queijo fresco para Clara, pois era sua comida favorita no café da manhã. Esperou Clara terminar de comer e foi logo contando para filha como tinha sido seus últimos dias:

- Clara, eu fui na consulta ginecológica de rotina, fiz todos os exames e foi constatado que estou com câncer de mama.

Clara chorou e abraçou forte a mãe. Só se escutava seu soluço. Alguns minutos depois ela olhou nos olhos de Cinderela e disse:

- Mãezinha, você será curada e eu estarei todo o tempo ao seu lado. Nós vamos vencer juntas!

Elas se abraçaram novamente e seguiram chorando. Clara passou o dia com a mãe, marcando médico para logo começar o tratamento. No final da tarde, Arquimedes chegou. Estava com a mesma cara fechada, como de costume. Cinderela estava na sala de televisão, enquanto Clara tinha ido ao supermercado comprar algumas coisas para preparar o jantar. Arquimedes sentou de frente para Cinderela e pediu:

- Por favor, me explique detalhadamente o que está acontecendo!

. Cinderela contou todos os detalhes, desde a reunião na associação, aproveitando para dizer que há anos ela participava dos encontros às quartas-feiras. Arquimedes ouviu tudo em silêncio e vez ou outra

abaixava a cabeça. Seu olhar era de tristeza, mas de sua boca só saiu a palavra:

- Lamento!

Clara chegou e dessa vez foi ela que preparou o jantar. Todos os três sentaram à mesa e ao terminar Clara foi logo dizendo:

- Pai, você precisa contratar uma empregada doméstica! De hoje em diante minha mãe ficará por conta do tratamento e da luta contra o câncer.

Ele não abriu a boca, mas fez sinal de concordar com a cabeça. Naquele mesmo dia, Clara ligou para Samuel para dar a triste notícia. Samuel chorou ao telefone e disse que já compraria sua passagem para o Brasil.

Os dias foram seguindo com o doloroso tratamento de Cinderela. Sua rotina era dividida entre dias seguidos no hospital e às vezes em casa. Clara estava se dedicando inteiramente aos cuidados com a mãe. Samuel ficou um mês no Brasil e voltou para Londres, com o compromisso de retornar em breve. Ele ligava todos os dias para a mãe, mas às vezes ela não conseguia conversar, pois o tratamento com as radioterapias a deixava com náuseas e muito cansada. Assim, seguiu por um pouco mais de um ano. Entre idas e vindas do hospital, Cinderela às vezes ficava triste, outras vezes otimista com o tratamento.

Após um ano de tratamento, numa noite de domingo, Arquimedes foi ao quarto que estava Cinderela e disse que queria falar com Clara. A filha foi até a sala, sentou-se no sofá, de frente para o pai, e fez sinal com os ombros, como quem pergunta o que o outro quer dizer. Arquimedes falou num tom firme, mas baixo:

- Amanhã eu irei embora daqui. Não quero mais morar nessa casa. Você já sabe que meu casamento com sua mãe acabou.

Clara arregalou os olhos e fingiu não ouvir direito o que o pai falou. Ele repetiu e mais uma vez Clara reprovou com seu olhar, dizendo:

- Como você tem coragem de fazer isso com a minha mãe nesse momento que ela está passando? Há anos ela não é feliz com você, mas nunca teve coragem de abandoná-lo.

Clara ficou irritada com o pai e continuou:

- Se sair daqui, nunca mais eu e Samuel teremos contato com você!

Arquimedes não disse mais nenhuma palavra, saiu da sala e foi para o quarto pegar suas malas, que já estavam prontas. Foi embora sem nem mesmo se despedir de Cinderela. Clara ligou e contou para Samuel, mas resolveu, naquela noite, poupar a mãe da notícia.

No dia seguinte, Cinderela sentiu a falta de Arquimedes na mesa do café da manhã. Clara contou a ela a conversa que teve com o pai e que ele não deu muitas explicações, somente disse que estava indo embora. Cinderela chorou e Clara segurou firme na mão pálida e disse:

- Eu jamais te abandonarei!

Depois tentou animá-la, dizendo:

- Meu pai não fará falta, pois não ajudava com nada mesmo. Além do mais, agora nós poderemos andar peladas pela casa.

Em meio ao choro, Cinderela sorriu.

Duas semanas depois, em conversa com a secretária de Arquimedes, Clara descobriu que o pai tinha uma amante e que agora tinha resolvido assumir o relacionamento com ela. Estava morando num espaçoso apartamento, em área nobre de Goiânia. Mas isso, por enquanto, ela não contaria para a mãe, pois queria vê-la forte e recuperada para recomeçar sua vida.

Os dias seguiram e Cinderela estava firme em seu tratamento, sempre com o apoio de Clara. Muitas vezes ela achava que não ia vencer.

Viveu uma vida muito ativa nos afazeres domésticos e cuidado de todos. Agora não conseguia nem lavar a louça suja do almoço, pois sentia muita fraqueza, decorrente dos medicamentos. Sempre perguntava à Clara sobre Arquimedes. Dizia:

- Apesar de tudo, eu sinto falta dele, filha!

Sem falar da traição, Clara a incentivava ao divórcio.

- Nós só vamos esperar a sua total recuperação e procuraremos um advogado para dar andamento no divórcio.

Cinderela às vezes balançava a cabeça, dizendo que não, mas no fundo ela sabia que o casamento já não mais existia.

Mais um ano se passou e lá estava Cinderela toda feliz recebendo a notícia de que ela estava curada do câncer. O cabelo já tinha crescido e a pele voltado a ser viçosa e corada. Foram dois anos de luta e muita esperança. Clara acompanhava a mãe e de tanta felicidade resolveram ir comemorar no *shopping*, comendo o macarrão mais suculento da cidade, prato apreciado por Cinderela. As palavras eram de gratidão e alegria. Em meio aos risos, Cinderela tocou no nome de Arquimedes:

- Já tem quase um ano que não vejo seu pai. A última vez foi quando ele passou lá em casa para pegar o resto de umas coisas que havia deixado para trás.

Clara não escondia a cara de insatisfação e Cinderela a repreendia, dizendo:

- Filha, ele é seu pai e merece o seu amor.

Clara, então, resolveu contar tudo para a mãe.

- Mãe, meu pai estava frio e distante porque ele tinha uma amante. Não aceito a falta de consideração que ele teve com você no momento do seu tratamento. Ele não podia te abandonar naquele estado.

. Clara pouco falava com o pai, pois tinha ficado magoada com tudo que aconteceu. Cinderela encheu os olhos d'água, mas logo respondeu:

- Não estou surpresa! Sempre desconfiei que ele me traía.

No final da conversa ela sorriu e disse que aquele dia era somente de alegria e comemoração.

Na semana seguinte, Clara procurou um amigo advogado para cuidar do divórcio de Cinderela. Arquimedes, ao ser procurado pelo advogado não apresentou nenhuma objeção, pois afinal já estava há tempo com outra mulher e queria oficializar a união. Os papéis foram assinados e os bens repartidos. Cinderela ficou com a casa, um apartamento, uma das fazendas que Arquimedes tinha herdado dos pais e uma boa quantidade em dinheiro. Ela continuava sendo uma mulher rica, mas de uma tamanha simplicidade.

Alguns meses após o divórcio, Cinderela resolveu procurar a faculdade de direito e se informar sobre o tão sonhado curso. Ela já era uma mulher de 62 anos. Agora teria que enfrentar, além do preconceito por ser mulher, o preconceito por ser uma mulher divorciada e com mais de 60 anos. Mas ela não desistiu. Estudou em casa, intensamente, durante seis meses e conseguiu ser aprovada no vestibular de Direito. Numa turma de 50 pessoas, haviam apenas Cinderela e outras 4 mulheres. Ela era a mais velha da turma e sempre se destacou pela sua dedicação e inteligência. Durante os cinco anos de faculdade, Cinderela viajou fazendo palestras e se reunindo com outras mulheres que lutavam contra o machismo e a desigualdade de gênero. Sua vida, sua luta contra o câncer, o abandono matrimonial que sofreu em tempo de doença, estavam presentes na sua fala de superação e servia de encorajamento para tantas outras mulheres. Ela se formou aos 67 anos e passou a exercer a profissão com muito entusiasmo, e em pouco tempo tornou-se uma

renomada advogada na capital de Goiás. Vez em quando, era vista em jantares românticos com um outro grande advogado, Dr. Romeu, um viúvo de boa aparência e muito sábio. Muitos diziam que eles eram namorados, mas quando perguntada, Cinderela sorria e dizia que eram amigos. Clara foi passar um tempo fazendo o que mais amava: servir em missão na África. Samuel casou-se em Londres e deu à Cinderela dois netos, um casal de gêmeos, que ela tanta amava e visitava todos os anos. Arquimedes voltou para a fazenda matriz, herdada dos pais. As más línguas diziam que ele estava morando sozinho, aos cuidados apenas dos funcionários da fazenda. Raramente recebia a visita dos filhos. Cinderela continuou vivendo na capital, realizando todos os dias o seu tão sonhado desejo de ser advogada.

Aqui não terminamos a história com felizes para sempre. Ninguém é feliz para sempre. A vida é feita de lutas, superações, perdas, conquistas, tristezas e alegrias. O importante é nunca desistir. É correr atrás dos sonhos e não deixar que ninguém, ninguém os arranque de ti.

5

TRIBUTO ÀS CINDERELAS

Meu silencio interior gritava
Como quem nunca antes falou
O barulho ensurdecedor ocultava
Os dias escuros e as noites claras

Eu me perdi na quietude
Já não sabia quem nasci
Quem me fiz
Quem cresci

O mundo não me via
Mas eu estava ali
O corpo presente
A alma ausente

Um sorriso sem alegria
Um frio no calor
A loucura na sanidade
O alvoroço na calma

A voz gritou como letras
Escritas num papel amassado
O silêncio foi consumido pelo conto
No reencontro da vida e da arte

Na arte da vida real
De reescrever histórias e ressignificar recomeços
De se deliciar nas oportunidades
De construir um novo final

Vânia Guimarães



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org